**PROJETO DE LEI Nº \_\_\_\_\_\_\_\_ /2024**

*Fica denominada “Unidade de Saúde da Família - USF Marie Rose Gebara Maluf” a Unidade de Saúde do Parque Jatobá.*

Autor: **Vereador Lucas Agostinho**

No uso das atribuições a mim conferidas pelo Regimento Interno desta Casa de Leis, submeto à apreciação do Plenário o seguinte Projeto.

**Art. 1º** Fica denominada de “Unidade de Saúde da Família – USF Marie Rose Gebara Maluf” a Unidade de Saúde do Parque Jatobá, que será construída ao lado da Escola Estadual Marinalva Gimenes Colossal da Cunha.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Sumaré, 03 de setembro de 2024.

**Lucas Agostinho**

**Vereador**

**JUSTIFICATIVA**

O presente Projeto de Lei visa dar nome à Unidade de Saúde do bairro Parque Jatobá, que será construída ao lado da Escola Estadual Marinalva Gimenes Colossal da Cunha, que passará a se chamar “Unidade de Saúde da Família – USF Marie Rose Gebara Maluf”.

Marie Rose Gebara Maluf, carinhosamente conhecida como Rose Maluf, era sumareense e brasileira de coração. Nos seus 74 anos de vida, 50 deles morou na cidade de Sumaré.

Porém, sua história começou antes, num lugar muito distante, em 02 de setembro de 1940, na Síria, em Damasco. Depois de sete filhos homens, sua mãe Helene, deu à luz à pequena Rose. Helene tinha uma chapelaria em Damasco, e seu esposo, Khalil, trabalhava como intérprete na Segunda Guerra.

Os sete filhos do casal levavam uma vida normal: estudavam, brincavam e ajudavam a mãe cuidando uns dos outros enquanto ela trabalhava. A família de Rose era católica praticante e por conta disso passou a ser ameaçada e perseguida pelos muçulmanos extremistas.

Temendo pelas próprias vidas, mas principalmente pela dos filhos, o casal resolveu abrir mão do que haviam construído com tanto esforço e se mudar para o Brasil.

Foi então que a família toda partiu no navio “Formose”, em busca de uma nova vida. As condições do navio eram adversas: foi a última viagem que ele fez. A viagem durou mais de seis meses. O navio ficou atracado durante três meses no Porto de Marseille, na França.

Marie Rose, muito observadora aos seis anos, aprendeu nessa época a falar e a escrever em francês, através das conversas travadas entre adultos e de alguma leitura que vinha em suas mãos. Por conta disso, ela se tornou fluente em francês, chegando a dar aula particular para crianças sumareenses, que tinham dificuldade no idioma ensinado nas escolas.

Ao chegarem no Rio de Janeiro, a família passou por diversos bairros como o Andaraí e a Tijuca. Foi então que os pais de Marie Rose, pelo fato de não terem com quem a deixar, já que tanto eles quanto os filhos (apesar da pouca idade), precisavam trabalhar, a matricularam em um internato, um Colégio de freiras tradicional do Rio de Janeiro. Rose ficou dos seis aos dezoito anos no Colégio.

Aos dezoito anos ingressou em primeiro lugar no curso de letras clássicas na PUC do Rio de Janeiro, porém não chegou cursar a faculdade. Apenas alguns meses depois de sair do colégio, ela sofreu uma grande perda: sua amada mãe, depois de três derrames sucessivos, faleceu aos 56 anos, deixando um grande vazio na vida da jovem.

Aos 25 anos, Rose se casou com seu primo, Fuad Assef Maluf, e se mudou para a cidade de Sumaré, em 1965. Passou então a participar de clubes de serviço, como o Rotary Clube, onde foi precursora na criação, arrecadação e distribuição de enxovais para mãezinhas carentes da cidade, e da Rede de Combate ao Câncer.

Era uma mulher muito culta, leitora voraz, dava aulas particulares de francês, apreciava música clássica e música popular brasileira, bordava, pintava lindos quadros e se dedicava com muito carinho às três filhas: Rita, Fernanda e Flávia.

Aos 49 anos, Rose ficou viúva: Fuad, em apenas nove meses, descobriu um tumor agressivo e logo veio a falecer. Rose era uma mulher inteligente, porém não tinha familiaridade nenhuma com a empresa da família. Fuad faleceu numa sexta-feira, foi enterrado no sábado e, na segunda-feira, mesmo com o coração despedaçado pela dor da perda, Rose se reuniu com os principais clientes da empresa para avisá-los que ia continuar à frente da companhia.

O ano era 1989, e os desafios, constantes. Contudo, em pouco tempo Rose aprendeu muitas coisas sobre a rotina da empresa: contas a pagar, contas a receber, processo produtivo, principais clientes, produtos fornecidos, compra de matéria prima, visitas, etc. Em 25 anos à frente da empresa, Rose conquistou seu lugar junto aos clientes, fornecedores, federações empresariais, mas principalmente, um lugar especial no coração dos colaboradores, os quais ela tinha como verdadeiros filhos.

Na sociedade, Rose se destacou através da parceria que tinha como madrinha de várias escolas de Sumaré, junto ao Crass, Instituto de Promoção do Menor (do qual foi paraninfa durante mais de 30 anos), entre tantas outras e da maneira pontual que se posicionava, reivindicando junto aos órgãos públicos, melhorias para a cidade.

Teve papel fundamental junto à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo na vinda do SENAI e do SESI para a cidade, e muitas vezes foi ponte entre o poder público, a Fiesp e as escolas do “Sistema S”. Foi uma mulher à frente de seu tempo. Gostava muito do voluntariado, trabalhando junto a Casas de Apoio de Portadores de HIV, distribuição de sopa para moradores de rua, e também se fazia presente e auxiliava instituições para pessoas com deficiência, como a Apae e a Pestalozzi. Participou em Campinas do Clube da Lady, que tinha um cunho beneficente, junto a várias entidades de Campinas, como o Instituto Boldrini.

A “menina dos olhos” de Rose era um almoço de final de ano, que proporcionava a mais de 200 crianças de nosso município. Ela mesma aguardava as crianças, as recepcionava e as acompanhava durante todo o almoço e nos brinquedos que eram alugados para a diversão dos pequenos.

Era uma pacificadora, uma mãe maravilhosa, que tinha o dom do amor para milhares de pessoas com as quais tinha empatia.

No dia 13 de março de 2015, o Senhor a levou para Si, após um aneurisma de aorta e duas cirurgias. Sumaré ficou mais triste e órfã de tanto amor, mas através de cada pessoa da cidade que a conheceu e que conta o que aprendeu com ela e das lembranças que deixou em nossas memórias, Rose ficará para sempre eternizada em nossos corações.

Partiu a mulher, mas ficou um lindo legado.

Que seu exemplo de dedicação à família e à comunidade seja lembrado e honrado para sempre.

Sendo assim, é como forma de prestar homenagem a esta grande cidadã, que ao longo de sua vida tanto fez pela cidade de Sumaré, que apresento aos Nobres Pares o presente Projeto de Lei.

Câmara Municipal de Sumaré, 03 de setembro de 2024.

**Lucas Agostinho**

**Vereador**